

Tecnologia em mercados ainda aquém do esperado

Carrinho de compras 'inteligente' patina em alguns estabelecimentos

Fabio Bispo/Folhpress



Serviço tentar ampliar presença no interior de olho nos grandes centros urbanos

A experiência de fazer compras no supermercado sem enfrentar filas tem potencial de trazer eficiência dos lojistas e conveniência para os consumidores. No mundo, o mercado para esses equipamentos atingiu US\$ 1,82 bilhão em 2023 e pode saltar para US\$ 5,67 bilhões até 2028, segundo estudo da Research And Markets, uma das principais fontes de relatórios de pesquisa de mercado e dados de mercado internacional.

No Brasil, a tecnologia foi introduzida em 2022, em Campinas, e mais recentemente chegou a Ribeirão Preto, em São Paulo, além de Florianópolis e Chapecó, em Santa Catarina.

A adoção por grandes redes, que planejam expandir a tecnologia para as capitais, pode ajudar a superar desafios como a cautela dos lojistas em relação à viabilidade do sistema e a resistência inicial dos consumidores em aceitar a inovação.

Na loja do Bistek em Florianópolis, os Smart Carts, que permitem o pagamento direto no carrinho, estão em operação há um mês, mas ainda passam boa parte do tempo à espera de clientes.

Apesar disso, aqueles que testaram a tecnologia aprovaram sua utilização, com uma taxa de satisfação de 97%, segundo dados coletados pela Nextop, desenvolvedora da tecnologia no país.

"As pessoas avaliam positivamente o fato de poderem acompanhar quanto estão gastando enquanto fazem compras, além de não enfrentarem filas", diz Juliano Camargo, CEO da Nextop.

Já as avaliações negativas, segundo Camargo, estão mais relacionadas a dificuldades de uso que podem ser melhoradas, como a limitação a um número

reduzido de itens e restrições para o deslocamento com carrinhos fora das lojas até o estacionamento, entre outros.

"Os carrinhos são equipados com câmeras nas laterais e a nossa orientação é que estas câmeras não sejam encobertas, mas isso não implica que seja necessário um número tão pequeno de itens", diz Camargo. O equipamento tem três etapas de verificação das compras, além das câmeras, pelo código de barras e a balança.

Tatiana Mendonça, diretora de tecnologia do Bistek, observa que a adesão aos carrinhos inteligentes é maior em determinados horários, especialmente nos finais de semana, quando muitos consumidores experimentam a

tecnologia pela primeira vez. "Os clientes que costumam frequentar a loja nos horários de pico já consideram o carrinho inteligente uma opção mais rápida."

A rede ainda está em período inicial de implantação dos carrinhos inteligentes e monitorando como é seu uso na loja.

O comerciante José Roberto de Souza, que mora na região continental de Florianópolis, viu a novidade pela internet e percorreu mais de 15 quilômetros para experimentar o carrinho inteligente, mas não encontrou o equipamento na loja. "Eu procurei e não encontrei, só vi agora, depois das compras", disse, dizendo que voltará outro dia para experimentar.

Pioneirismo em São Paulo

O primeiro carrinho de compras inteligente da América Latina foi lançado pela rede Enxuto em 2022, em Campinas, com o objetivo de reduzir em até 30% o tempo de compras com filas no caixa. Em dois anos, a rede ampliou o número de carrinhos inteligentes e expandiu a tecnologia para outras lojas.

No Shopping Iguatemi de Ribeirão Preto, a tecnologia foi implantada no Savegnago Supermercados há menos de um ano e aos finais de semana, segundo o empreendimento, há filas para usar o carrinho inteligente.

Atualmente, a Nextop mantém pouco mais de 100

equipamentos em funcionamento no país e, segundo Camargo, a empresa tenta uma negociação com grandes redes para levar os carrinhos inteligentes para as grandes capitais. "Estamos fazendo testes com um grande player que pode introduzir 1.200 carrinhos no país. Ainda estamos na fase de negociação".

A Nextop é a única no Brasil a produzir a tecnologia. Foram seis anos de desenvolvimento do sistema, com um investimento de R\$ 8 milhões. Desde o início, o projeto tinha como objetivo permitir a compra sem passar pelo caixa.

"Na época nós vimos que a experiência da Amazon [Just Walk Out], não funcionaria no Brasil, e iniciamos o projeto do

carrinho. Toda a tecnologia foi desenvolvida aqui no Brasil a partir de um projeto próprio".

A própria Amazon implantou seu sistema de carrinhos inteligentes, Dash Carts, considerados mais seguros que o sistema anterior, criticado pela contratação de indianos para fazerem a conferência manual das compras.

A cautela dos lojistas, segundo Camargo, vai desde a expectativa de que a inovação se torne uma tendência no mercado até o receio da perda dos equipamentos, que custam cerca de R\$ 50 com toda a tecnologia embarcada no carrinho de compras.

Por Fábio Bispo (Folhpress)

Em São Paulo, rede de coworking pública capacita empreendedores locais

Lucas Seixas/Folhpress

A cidade de São Paulo conta hoje com 20 espaços gratuitos de coworking. Eles formam o projeto Teia, criado há cinco anos pela prefeitura.

São escritórios coletivos com salas de reunião e computadores com acesso à internet. Localizados, em sua maioria, em bairros da periferia, os coworkings públicos funcionam como anexos de centros culturais, bibliotecas e prédios municipais.

A reportagem visitou quatro unidades — Centro, Taipas, Lapa e Vergueiro. As instalações são semelhantes, com salas amplas e envidraçadas, mobiliadas com mesas com ou sem computadores, além de um espaço de convivência e uma sala de reunião. Outras características podem variar conforme a unidade. No Teia Lapa e no Vergueiro, por exemplo, há cabines de trabalho reservadas, enquanto no Taipas e no Centro há uma copa

Os espaços são bem organizados e limpos. Todas as unidades são bem conservadas, e sua estrutura faz lembrar a de coworkings particulares. Além

de computadores, também são equipadas com projetores e impressoras.

Cada Teia oferece programação mensal com cursos, atividades de qualificação profissional e encontros de networking. As ações são voltadas ao empreendedorismo.

Os usuários do Teia recebem suporte para o uso dos serviços disponíveis, além de contar com um atendimento que orienta sobre a formalização do MEI (microempreendedor individual), emissão de documentos, análises de negócios e acesso a microcrédito. Depois disso a prefeitura não acompanha os potenciais empreendedores e não sabe, por exemplo, quem criou empresa.

A quantidade de pessoas utilizando os espaços depende do dia e da localização. As unidades centrais costumam estar mais lotadas, enquanto nas periferias a ocupação pode variar. Embora sempre haja usuários, não há dificuldade em reservar um espaço.

O perfil dos frequentadores também é diversificado. Em todas as unidades, há pessoas que



Projeto Teia oferece infraestrutura para empreendedor

vão para trabalhar, mas nem todos são empreendedores. Alguns utilizam as instalações para estudar, outros são atraídos pelas capacitações oferecidas.

Para Andréia Silva, 38, auxiliar administrativa em busca de uma nova fonte de renda, os cursos de capacitação no Teia Taipas são uma maneira de se preparar para empreender. Moradora do bairro desde que nasceu, ela destaca a importância do incentivo a negócios e capa-

cituação nas periferias.

"É importante ter essa oportunidade de aprimoramento aqui, porque tudo que a gente quer fazer é muito longe. Por exemplo, se for um curso, você vai para a Lapa ou para o centro da cidade. Ter acesso no bairro faz com que você não desanime."

A rede já ultrapassou 160 mil acessos, conta que inclui uso das instalações e participação em cursos, encontros e outras atividades. O público é

composto por 60% de mulheres, 35% de homens e 5% de pessoas trans, não binárias ou que não declararam gênero. Mais da metade dos usuários (53%) se identificam como pretos ou pardos.

Para usar o Teia, é possível reservar com antecedência pela plataforma digital da Adesampa, neste link, que oferece um mapa das unidades. Outra opção é ir sem agendamento e fazer o cadastro na hora.

Não há limites de agendamento. As reservas têm duração de quatro horas. Quem precisa de mais tempo pode fazer dois ou mais agendamentos seguidos, para a mesma estação de trabalho ou para outra.

Empreendedores que usam o Teia relatam que o projeto cria um espaço para estabelecer uma rede de contatos por meio de troca de experiências. "Às vezes você tem a oportunidade de desenvolver um negócio com outro empreendedor ou com alguém que ajude você em alguma atividade que não está evoluindo", diz Wagner Barros, 48, contador que está estruturando um negócio de educação financeira.

Os coworkings públicos no Brasil começaram a ganhar força em 2017, com a inauguração do Workitiba em Curitiba, que atualmente tem três unidades. Iniciativas semelhantes são o ItabiraHUB e o ParqueLab, em Minas Gerais, e o Espaço Colaborar, com 21 unidades, na Bahia.

Por Isabella Cândido (Folhpress)